

REVISTA

DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS



#24

ISSN 2316-770X

Rev. UFMG	Belo Horizonte	v. 24	n. 1 e 2	p. 1-272	jan. / dez.	2017
-----------	----------------	-------	----------	----------	-------------	------

A Revista da Universidade Federal de Minas Gerais é uma publicação semestral e tem o objetivo principal de abordar temáticas específicas, numa perspectiva interdisciplinar, podendo divulgar também resultados de pesquisas e de produções teóricas e artísticas diversas.

Jaime Arturo Ramírez

REITOR

Sandra Goulart Almeida

VICE-REITORA

Elizabeth Ribeiro da Silva

CHEFE DE GABINETE

Mario Fernando Montenegro Campos

PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO

Benigna Maria de Oliveira

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO

Ricardo Hiroshi Caldeira Takahashi

PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO

Ado Jorio Vasconcelos

PRÓ-REITOR DE PESQUISA

Hugo Eduardo Araújo da Gama Cerqueira

PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO

Denise Maria Trombert de Oliveira

PRÓ-REITORA DE PÓS-GRADUAÇÃO

Maria José Cabral Grillo

PRÓ-REITORA DE RECURSOS HUMANOS

Tarcísio Mauro Vago

PRÓ-REITOR DE ASSUNTOS ESTUDANTIS

Marcílio José Sabino Lana

DIRETOR DO CENTRO DE COMUNICAÇÃO

Estevam Barbosa de Las Casas

DIRETOR DO INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS

TRANSDISCIPLINARES

EDITOR

João Antônio de Paula

EDITORA EXECUTIVA

Heloisa Soares de Moura Costa

DIREÇÃO DE ARTE

Marcelo Lustosa

PROJETO GRÁFICO

Léo Ruas

DIAGRAMAÇÃO

Romero Moraes

Guilherme Martins

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Ana Paula Vieira

APOIO TÉCNICO

Lucília Maria Zarattini Niffenegger

REVISÃO

Cecília Lima

Josiane Pádua

TRADUÇÃO

Marie-Anne Henriette Jeanne Kremer

FICHA CATALOGráfICA

R 454 Revista da Universidade Federal de Minas Gerais. –
vol.15, 1965- – Belo Horizonte : UFMG, 1965-
v. : il.
Anual de 1965-1969
A partir do v. 19, n. 1/2, 2012 passa a ser semestral
Título anterior: Revista da Universidade de Minas
Gerais, 1929-1964.
Inclui bibliografia.
ISSN: 2316-770X
1. Ensino superior- Periódicos. I. Universidade
Federal de Minas Gerais.

CDD: 378.405 CDU: 378

Revista da Universidade Federal de Minas Gerais

Universidade Federal de Minas Gerais

Av. Presidente Antônio Carlos, nº 6.627, Campus Pampulha

Prédio da Faculdade de Ciências Econômicas, sala 3011

CEP: 31.270-901, Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil

Endereço eletrônico: <revistadaufmg@ufmg.br>

Telefone: 55 31 3409 7231

Conselho editorial

Carlos Antônio Leite Brandão • ESCOLA DE ARQUITETURA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Débora d'Ávila Reis • INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Eliana de Freitas Dutra • FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Estevam Barbosa de Las Casas • ESCOLA DE ENGENHARIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Heloisa Soares de Moura Costa • INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Hugo Eduardo Araújo da Gama Cerqueira • CENTRO DE DESENVOLVIMENTO E PLANEJAMENTO REGIONAL E FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Ivan Domingues • FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Jacyntho Lins Brandão • FACULDADE DE LETRAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

João Antonio de Paula • CENTRO DE DESENVOLVIMENTO E PLANEJAMENTO REGIONAL E FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Marília Andrés Ribeiro • INSTITUTO MARIA HELENA ANDRÉS (IMHA), BRASIL.

Maurício Alves Loureiro • ESCOLA DE MÚSICA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Maurício José Laguardia Campomori • ESCOLA DE ARQUITETURA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Ricardo Hiroshi Caldeira Takahashi • INSTITUTO DE CIÊNCIAS EXATAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Comissão editorial desta edição

Carlos Antônio Leite Brandão • ESCOLA DE ARQUITETURA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Estevam Barbosa de Las Casas • ESCOLA DE ENGENHARIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Heloisa Soares de Moura Costa • INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

João Antônio de Paula • CENTRO DE DESENVOLVIMENTO E PLANEJAMENTO REGIONAL E FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Maria do Carmo Freitas Veneroso • ESCOLA DE BELAS ARTES, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

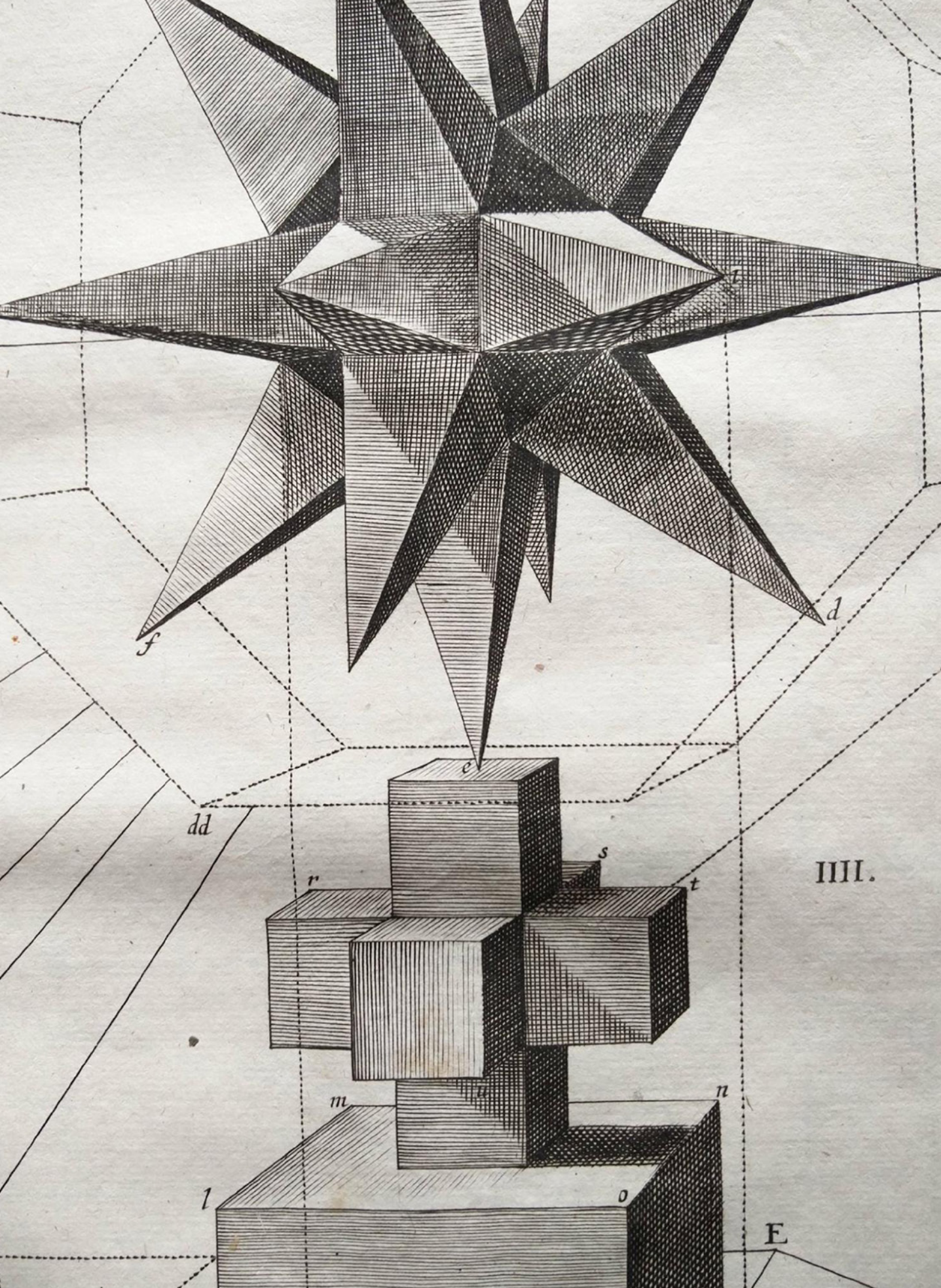
Marília Andrés Ribeiro • INSTITUTO MARIA HELENA ANDRÉS (IMHA), BRASIL.

Maurício Alves Loureiro • ESCOLA DE MÚSICA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Patricia Maria Kauark Leite • FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Pareceristas desta edição

Adriana Romero • FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL | Alice Mara Serra • FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL | Altamiro Sérgio Mol Bessa • ESCOLA DE ARQUITETURA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL | Ana Cláudia Duarte Cardoso • FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, BRASIL | Ana Maria Rabelo Gomes • FACULDADE DE EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL | Antônio Pereira Magalhães Júnior • INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL | Bernardo Machado Gontijo • INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL | Bruno de Paula Rocha • UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC, BRASIL | Carlos Antônio Leite Brandão • ESCOLA DE ARQUITETURA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL | Cássio Eduardo Viana Hissa • INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL | Cláudia Feres Faria • FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL | Débora D'Ávila Reis • INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL | Deborah de Magalhães Lima • FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL | Doralice Barros Pereira • INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL | Denise Morado do Nascimento • ESCOLA DE ARQUITETURA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL | Douglas Sathler dos Reis • UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI, BRASIL | Estevam Barbosa de las Casas • ESCOLA DE ENGENHARIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL | Ivan Domingues • FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL | João Antônio de Paula • CENTRO DE DESENVOLVIMENTO E PLANEJAMENTO REGIONAL E FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL | Jupira Gomes de Mendonça • ESCOLA DE ARQUITETURA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL | Leonardo Gomes de Deus • CENTRO DE DESENVOLVIMENTO E PLANEJAMENTO REGIONAL, FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL | Lucia Castello Branco • FACULDADE DE LETRAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL | Márcia Maria Valle Arbex • FACULDADE DE LETRAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL | Marcos Tadeu del Roio • FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS, UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, BRASIL | Marcus Vinícius Neto Silva • FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL | Maria do Carmo Freitas Veneroso • ESCOLA DE BELAS ARTES, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL | Maria Elisa Silva Freitas • DESIGNER, SÃO PAULO, BRASIL | Maria Luiza Grossi Araújo • FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL | Marília Andrés Ribeiro • INSTITUTO MARIA HELENA ANDRÉS (IMHA), BRASIL | Maurício José Laguardia Campomori • ESCOLA DE ARQUITETURA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL | Orlando Alves dos Santos Júnior • INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, BRASIL | Paola Berenstein Jacques • FACULDADE DE ARQUITETURA, UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, BRASIL | Paula Miranda Ribeiro • FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL | Patricia Maria Kauark Leite • FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL | Rainer Randolph • INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, BRASIL | Rita Velloso • ESCOLA DE ARQUITETURA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL | Rogério Palhares Zschaber de Araújo • ESCOLA DE ARQUITETURA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL | Sérgio Martins • INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL | Sibelle Cornélio Diniz • CENTRO DE DESENVOLVIMENTO E PLANEJAMENTO REGIONAL, FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL | Verlaine Freitas • FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL | Virgínia de Lima Palhares • INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL



IIII.

Sumário

- 6 EDITORIAL
6 Utopias
- 16 HUDSON MANDOTTI DE OLIVEIRA
16 A força utópica do Messianismo político de Ernst Bloch
The utopian power of Ernst Bloch's political messianism
- 40 ANDITYAS SOARES DE MOURA COSTA MATOS
40 Utopias, distopias e o jogo da criação de mundos
Utopias, dystopias, and the creation of worlds game
- 62 CARLOS BERRIEL
62 Na "Cidade do Sol" de Tommaso Campanella: uma crítica ao poder dos jesuítas no Novo Mundo
Tommaso Campanella's "The city of the sun": a criticism of the Jesuit power in the New World
- 78 LUIZ FERNANDO MARTINS DE LIMA
THAIS MARIA GONÇALVES DA SILVA
78 Fascismo em Battle Royale, de Koushun Takami: o sistema de governo da República da Grande Ásia Oriental
Fascism in Koushun Takami's Battle Royale: the governmental system of the Republic of Greater East Asia
- 98 PATRÍCIA VIEIRA
98 Utopian Amazons: a communitarian matriarchy in the jungle
Amazonas Utópicas: um matriarcado comunitário na floresta
- 116 JANAÍNA SANTOS
116 Clockwork Angels ou uma nova saga do otimismo
Clockwork Angels or another saga of optimism
- 136 MARÍLIA ANDRÉS RIBEIRO
136 Jayme Reis, artista do fogo
Jayme Reis, artist of fire
- 150 MARIA RITA KEHL
150 A utopia da cura em psicanálise
The utopia of the cure in psychoanalysis
- 162 ELTON DIAS XAVIER
KELLEN DE FÁTIMA PIMENTA
162 A utopia no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: da sociedade real à sociedade sonhada
Utopia in the Landless Rural Workers Movement: from the real to the dreamt-of society
- 176 DIEGO MAURO MUNIZ RIBEIRO
176 Arquitetura Radical em disputa: discussões sobre utopias entre o fim dos anos 1950 e início dos anos 1970
Radical Architecture in dispute: discussions about utopias between late 1950s and early 1970s
- 204 APOLO HERINGER LISBOA
204 Projeto Manuelzão: idealização, construção e limites institucionais
Manuelzão project: idealization, construction and institutional limits
- 238 LUCIA ELENA PEREIRA FRANCO BRITO
238 O horizonte utópico nos imaginários urbanos: do Patrimônio das Frutas à Cidade das Águas
The Utopian Horizon in the Urban Imagery: from the fruit wealth to the City of Waters
- 260 PAULO BAPTISTA
260 Paisagens da Serra do Espinhaço
Landscapes of the Espinhaço Ridge

ABU' L HASAN AND MANSUR
Esquilos em uma árvore plana, 1610



UTOPIAS

As utopias têm a idade dos sonhos humanos de felicidade e plena emancipação. As utopias não são um privilégio ou atributo de uma única época, de um único povo. As utopias são a permanente chama que nos leva, mesmo nas circunstâncias mais difíceis, e sobretudo nelas, a acreditar que a vida, individual e coletiva, pode ser melhor, ser promessa de felicidade.

Ernst Bloch, filósofo da esperança e da utopia, mostrou que a utopia não é o ir-realizável, o que não pode existir, o que não está, nem pode estar, em qualquer lugar. Bloch nos mostrou que a utopia é consciência antecipadora, é o sonho diurno que nos mobiliza, que nos interpela no sentido de superar a vida danificada.

Em momentos como os que se vive hoje, a utopia é a reafirmação de nossa recusa em aceitar que a última palavra sobre o mundo já foi dita.

No espírito dessas palavras, apresentamos a seguir as contribuições que integram o volume da Revista UFMG dedicado à temática Utopias.

Começando com o texto *A força utópica do messianismo político de Ernst Bloch*, Hudson Mandotti de Oliveira se propõe a analisar os elementos constitutivos presentes na Filosofia da Esperança de Ernst Bloch, considerando questões essenciais: os vestígios da utopia, o possível futuro, as concreções utópicas e o messianismo político como um processo que permanece aberto. Esses contornos utópicos do pensamento de Bloch são aqueles que, num sentido abrangente da existência do ser, constituem uma síntese de suma importância. Para o autor, a não sublevação e desdobramento do humano em sua totalidade permanece em um processo expectante cuja tarefa é considerar que esse possível do ainda não realizado é que fundamenta a ação transformadora da política messiânica.

Refletindo sobre o sentido da utopia hoje em uma interface com a literatura e o cinema, Andityas Soares de Moura Costa Matos, em seu texto *Utopias, distopias e o jogo da criação de mundos*, parte da compreensão originária do termo no século XVI e analisa suas transformações ao longo dos tempos, bem como seu significado nos dias atuais, quando as utopias são pensadas por meio de uma estratégia de inversão que tem como fruto célebres distopias. Paralelamente, traça o panorama histórico, estético e cultural em que as experiências utópicas foram propostas – antes e depois da criação da palavra por Thomas More na obra homônima. O texto é concluído com uma reflexão sobre o lugar e a função política da utopia no mundo contemporâneo, sob um paradigma filosófico comprometido com as transformações sociais.

Utopia, literatura e artes

Os textos a seguir abordam a utopia em suas interfaces com a literatura e as artes. Em Na “*Cidade do Sol*” de Tommaso Campanella, uma crítica ao poder dos jesuítas no Novo Mundo, Carlos Berriel argumenta que, em 1602, quando a “*Cidade do Sol*” foi escrita, havia três países integralmente católicos: Espanha, Portugal e Itália. Esses países eram também os Estados mais ricos da Europa: os estados italianos – centros do comércio mediterrânico – e a península ibérica, senhora do Novo Mundo. Trezentos anos depois, esses países estariam entre os mais pobres da Europa, permaneceriam integralmente católicos e seriam um dia fascistas. Elementos essenciais desse problema foram percebidos por Campanella. Conectando a “*Cidade do Sol*” ao seu período histórico – a Reforma e a Contrarreforma, o sistema colonial ibérico, o absolutismo, a manufatura, a revolução científica –, o texto argumenta que ela é em tudo o oposto especular das colônias ibéricas no Novo Mundo.

O texto *Fascismo em Battle Royale*, de Koushun Takami: o sistema de governo da República da Grande Ásia Oriental, de Luiz Fernando Martins de Lima e Thais Maria Gonçalves da Silva, indica que, no século XX, ocorreu uma modificação significativa no gênero utopia. Um espírito irônico e questionador em relação aos ideais utópicos pôs em xeque não apenas a possibilidade de uma utopia ser viável, mas até mesmo de ser desejável. Isso deu origem ao surgimento da distopia, gênero que apresenta uma ambientação absolutamente indesejável, na qual existe todo tipo de opressão política

e ideológica, como nos clássicos do gênero *Admirável Mundo Novo*, de Huxley, e 1984, de Orwell. O gênero ganhou notoriedade no decorrer do século XX, chegando até o Japão. Sob esse pano de fundo, o texto analisa o romance japonês *Battle Royale*, de Koushun Takami, enfatizando como a obra cria uma realidade indesejável alicerçada no Fascismo.

O artigo *Utopian Amazons: a communitarian matriarchy in the jungle*, de Patrícia Vieira, discute a representação das Amazonas na literatura brasileira. A lenda de uma temível tribo de mulheres acompanhou uma visão distópica do território amazônico como um “inferno verde.” Porém, com o desenvolvimento da Amazônia devido ao *boom* da borracha e, em especial, com o advento do ambientalismo, as Amazonas tornaram-se parte de uma visão idealizada da floresta tropical. São analisadas três formas de representação utópica das Amazonas: a descrição de uma tribo perdida de mulheres no romance *A Amazônia Misteriosa*, de Gastão Cruls, a visão de Abguar Bastos da terra prometida das Amazonas em *A Amazônia que Ninguém Sabe*, e a fantasia modernista de uma nova sociedade matriarcal.

Clockwork Angels ou uma nova saga do otimismo, de Janaína Santos, faz uma análise comparativa entre uma obra contemporânea, *Clockwork Angels*, álbum conceitual da banda canadense Rush, e a obra *Cândido*, do filósofo Voltaire, que teria servido como inspiração para o álbum, e peça fundamental para a construção de personagens, ambientes e conceitos da história.

Na seção Entrevista, Marília Andrés Ribeiro conversa com *Jayme Reis*, artista do fogo. O artista fala de sonhos, projetos, das microutopias que aparecem em seu processo criativo, desde as primeiras xilogravuras dos anos 1970 até as fotografias atuais.

A utopia mobilizando desejos de transformação social

Maria Rita Kehl discute *A utopia da cura em psicanálise*, argumentando que se as utopias, criadas por nossa imaginação, são, por um lado, movidas pelo desejo, ainda que seja por um desejo não individual, mas coletivo, por outro, a sua realização seria a morte do desejo e, portanto, a efetivação das utopias seria uma realização totalitária. Diante desse problema, o artigo busca abordar a seguinte questão: seria a cura em psi-

canálise uma utopia? As possíveis respostas a essa questão são aqui exploradas tendo em vista a complexa relação entre utopia e desejo.

Em *A utopia no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: da sociedade real à sociedade sonhada*, Elton Dias Xavier e Kellen de Fátima Pimenta abordam o papel da utopia nos diversos ideais articulados que mobilizam os integrantes do MST (Movimento dos Trabalhadores sem Terra), buscando compreender o que fortalece os militantes a continuar na luta pela sociedade almejada, mesmo em meio a tantos desafios, tensões e conflitos. Tendo como objetivos fundamentais a luta pela terra, pela reforma agrária e por uma sociedade mais justa e fraterna, os militantes seriam impulsionados pelos desejos revolucionários alimentados pelo movimento, chamado de utopia. Por meio de alguns questionamentos sobre a existência ou não de um único ideal, sobre se o que os une é somente o sonho de conquistar apenas um pedaço de terra ou sobre a existência ou não de um anseio de mudança social para construir uma sociedade igualitária, o texto argumenta que a adesão ao MST transforma a história de todos, sendo a utopia um elemento essencial nos movimentos sociais, pois a ideia de um mundo melhor, presente nas diversas épocas, é o que impulsiona as pessoas a trabalhar para a construção de um mundo ideal. No MST as aspirações sociais antecipariam, no imaginário dos indivíduos, um prazer daquilo que é aguardado como realidade futura.

Diego Mauro Muniz Ribeiro, em seu texto *Arquitetura Radical em disputa: discussões em torno das utopias entre o fim dos anos 1950 e início dos anos 1970*, investiga, no campo da arquitetura e urbanismo, alguns empregos do termo utopia num período em que esse tema foi especialmente movente e dissensual: o fim dos anos 1950 até o início dos anos 1970, no contexto europeu. O texto evidencia a transformação de um imaginário arquitetônico que primeiramente concebeu sociedades nômades libertárias – em grande medida para uma sociedade pós-revolucionária. Esse ideal culminou na inflexão do próprio campo arquitetônico na direção da formulação de sociedades distópicas, nas quais indivíduos são voluntariamente enclausurados pela arquitetura, e promessas de nomadismo se convertem em limites reforçados pela arquitetura.

O artigo *Projeto Manuelzão: idealização, construção e limites institucionais*, escrito por seu idealizador, Apolo Heringer Lisboa, abrange o período de 1988-2013 desse projeto que visa à revitalização da bacia hidrográfica do Rio das Velhas, tendo o peixe como indicador do processo. Em um cenário de mudanças políticas, em que o entusiasmo

e a euforia da década de 1980 – com o fim da ditadura, a volta dos exilados, as eleições diretas, a constituinte, o povo na rua – deram lugar às frustrações, à derrocada da utopia comunista e à continuidade política com Sarney e Collor, o Projeto Manuelzão constitui, na visão do autor, uma nova proposta de transformação do Brasil, baseada em uma abordagem ecossistêmica dos fenômenos da vida e em uma percepção transdisciplinar, em oposição ao paradigma antropocêntrico e economicista. O artigo busca traçar o marco conceitual e a dimensão prática desse projeto de inspiração ecológica, sintetizado na República Hidrográfica, ressaltando sua identidade, consistência, coesão e vulnerabilidades.

Em *O horizonte utópico nos imaginários urbanos: do Patrimônio das Frutas à Cidade das Águas*, Lucia Elena Pereira Franco Brito toma como objeto de reflexão a história recente da cidade de Frutal. No início dos anos 2010, o município, situado no Triângulo Mineiro, viveu a promessa, não concretizada, de que se tornaria referência mundial em pesquisas sobre preservação ambiental e gestão da água, graças à implementação da Cidade das Águas – um projeto monumental idealizado pelas elites políticas estaduais e locais. O estudo parte da premissa de que todas as cidades podem ser tomadas na dimensão da utopia, porém, na experiência contemporânea, a promessa da urbe como espaço de convivência politizada depara com projetos pretensamente visionários que reduzem as cidades à mercadoria e os cidadãos a meros consumidores dos dramas urbanos.

Encerrando a edição, trazemos o marcante ensaio fotográfico *Paisagens da Serra do Espinhaço*, de Paulo Baptista. Buscando somar esforços cada vez mais necessários à preservação da Serra, esse ensaio retrata, em imagens, um pouco desse riquíssimo patrimônio ambiental e paisagístico, bastante diverso e reconhecido pela UNESCO como Reserva Mundial da Biosfera.

Boa leitura!

UTOPIAS

Utopias are as old as the human dreams of happiness and perfect emancipation. Utopias are neither a privilege nor an attribute of only one time, of only one people. Utopias are a lasting flame that makes us believe that life, individual or collective, even in the hardest times, or especially during these difficulties, can be better, and that it can be a promise of joy and happiness.

Ernst Bloch, a philosopher of hope and utopia, proposed that utopia is not the unfeasible, what cannot exist, that is not and cannot be in any place. Bloch showed us that utopia is far-sighted consciousness, a daydream that moves us and incites us to get over the damages of life.

In our days, utopia is a restatement of our refusal to accept that the last word about the world has already been spoken.

Carried along with the spirit of these words, what follows are the contributions to this volume dedicated to the theme Utopias, presented by Revista da UFMG.

With the opening text *The Utopian Power of Ernst Bloch's Political Messianism*, Hudson Mandotti de Oliveira proposes an analysis of the founding elements present in *The Principle of Hope* by Ernst Bloch departing from essential issues: the traces of utopia, the possible future, the utopian concretions and the political messianism as an open-ended process. These utopian outlines of Bloch's thought are the same that, in a broader sense of the existence of being, form a synthesis of paramount importance. For the author, the non-uprising and unfolding of the human in its totality remains in an expectant process, the task of which is to consider that this possible of the not yet carried out is what gives ground to the transforming action of the messianic politics.

Shedding light on today's utopia sense with an interface in literature and cinema, Andityas Soares de Moura Costa Matos, in his *Utopias, dystopias and the creation of the worlds game*, takes the original understanding of the term in the sixteenth century and analyzes its transformation along time, besides its present meaning as well, when utopias are pondered by means of an inversion strategy bringing forth notorious dystopias. At the same time, the historical, aesthetic and cultural context in which the utopian experiences were proposed is considered, taking into account their meanings before and after the creation of the word by Thomas More in his homonymous work. Lastly, the article presents a final reflection on the place and the political role of utopia in the contemporary world, based on a philosophical paradigm committed to social changes.

Utopia, literature and arts

What follows are the texts that approach utopia in their interfaces with literature and arts. As for Tommaso Campanella's "*City of the Sun*", a criticism of the Jesuit power in the New World, Carlos Berriel contends that in 1602, as "*City of the Sun*" was written, there were three wholly Catholic countries: Spain, Portugal and Italy. These countries were also the wealthiest States in Europe: the Italian states, Mediterranean trading centers, and the Iberian Peninsula, the master of the New World. Three centuries later, they ranked among the poorest European countries, remaining wholly Catholic, and eventually turning fascist. Campanella spotted essential issues here. By relating the "*City of the Sun*" to its historical moment – Reformation and Counter-Reformation, the Iberian colonial system, absolutism, manufacture, the scientific revolution – the text argues that it is the specular wholly opposite of the Iberian colonies in the New World.

Luiz Fernando Martins de Lima and Thais Maria Gonçalves da Silva, the authors of *Fascism in Koushun Takami's Battle Royale: the governmental system of the Republic of Greater East Asia*, point out that a substantial change in the utopian genre took place in the twentieth century. An ironical and argumentative spirit towards the utopian ideals challenged not only the possibility of a feasible utopia but also its desirability. This gave birth to dystopia, a genre introducing an absolutely undesirable ambience, home to every kind of political and ideological oppression as in the classical works of the genre *Brave New World* by Huxley, and *1984* by Orwell. The genre went notorious during the twentieth century reaching Japan. Staged against this background, the text analyzes the Japanese novel *Battle Royale* by Koushun Takami emphasizing how the work creates an undesirable reality grounded on Fascism.

In *Utopian Amazons: a Communitarian Matriarchy in the Jungle*, Patrícia Vieira discusses the representation of the Amazons in Brazilian literature. The tale of a fearsome tribe of women went side by side with a dystopian vision of this land as a "green hell". Nevertheless, as the Amazon developed moved by the rubber boom and, especially, with the rise of environmentalism, the Amazons became part of an idealized vision of the tropical forest. Three forms of utopian representations of the Amazons are analyzed: the description of a lost female tribe in the novel *The Mysterious Amazon*, by Gastão Cruls, Abguar Bastos' vision of the promised land of the Amazons in *The Amazon nobody knows*, and the modernist fantasy of a new matriarchal society.

On its turn, *Clockwork Angels or Another Saga of Optimism* by Janaína Santos makes a comparative analysis between a contemporary work, *Clockwork Angels*, a conceptual album by the Canadian band Rush, and philosopher Voltaire's modern work *Candide*. The latter would have inspired the first one as a basis for the construction of characters, sets and history concepts.

In the Interview section, Marília Andrés Ribeiro speaks to *Jayme Reis, the artist of fire*. He talks about dreams, projects, micro utopias that appear in his creative process from his first wood engravings in the 1970s to the present photographs.

Utopia moving social transformation desires

Maria Rita Kehl discusses *The utopia of the cure in psychoanalysis* arguing that, if on the one hand, utopias, created by our imagination, are moved by desire, even if by a non-individual but a collective one, on the other hand its achievement would be the death of desire and, therefore, the fulfillment of utopias would be a totalitarian achievement. Facing this problem, the article approaches the following question: would healing in psychoanalysis be a utopia? The possible answers to this question are explored considering the complex relationship between utopia and desire.

In *Utopia in the Landless Rural Workers' Movement: from the real to the dreamt-of society*, Elton Dias Xavier and Kellen de Fátima Pimenta approach the role of utopia in the several coordinated ideals that move the MST (Landless Rural Workers's Movement) in an effort to understand what gives the activists strength to go on with their struggle for the aimed society amid so many challenges, stress and conflicts. Essentially striving for land, agrarian reform and for a fairer and brotherly society, the supporters are driven by revolutionary desires fed by the movement, called utopia. From a set of issues on the existence or not of a sole ideal, if what unites them is no more than a dream of conquering just a piece of land, or on the existence or not of a social change yearning to build an equalitarian society, the text argues that the MST membership transforms everyone's history, while utopia is an essential element in the social movements; the idea of a better world that has pervaded over ages, is what drives one to work for the construction of an ideal world. MST would predict social longings in one's imagination, a pleasure of what is waited as a future reality.

In his *Radical Architecture in dispute: discussions about utopias between late 1950s and early 1970s*, Diego Mauro Muniz Ribeiro examines some of the uses of the word utopia in architecture and urbanism in that time frame, while it was especially slippery and

dissentious in the European context. The author stresses the changes of an architectural imaginary that first conceived nomadic libertarian societies – in many cases for a post-revolutionary society. This ideal peaked as architecture deflected towards the shaping of dystopic societies in which individuals are voluntarily cloistered by architecture, and promises of nomadism turn into limits reinforced by architecture.

The article entitled *Manuelzão Project: idealization, construction and institutional limits* written by its creator Apolo Heringer Lisboa covers the 1988-2013 period of the project that aims at revamping the Rio das Velhas watershed taking fish as an indicator of the process. The political changes enthusiastically celebrated in the 1980s – with the end of dictatorship, the return of exiles, direct elections, the constituent assembly, and people on the streets – gave place to frustrations, to the collapse of the communist utopia, and to the political continuity with Sarney and Collor. Set against this scenery, Manuelzão Project stands for, in the author's view, a new proposal of Brazilian transformation, based on an ecosystemic approach of the life phenomena and from a transdisciplinary perception opposed to the anthropocentric and economic paradigm. The article searches the conceptual mark and the practical dimension of this ecologically inspired project synthesized in the Hydrographic Republic, emphasizing its identity, consistency, cohesion and vulnerabilities.

In *The Utopian Horizon in the Urban Imagery: from the fruit wealth to the City of Waters*, Lucia Elena Pereira Franco Brito takes the recent history of the town of Frutal as an object of reflection. In the early years of the 2010 decade, the town located in the western region of the State of Minas Gerais lived an unfulfilled promise: it would become a world reference in research on environmental preservation and water management thanks to the implementation of the *City of Waters* – a huge project conceived by the state and local political elites. This study assumes that any city may be raised to utopian dimensions, however, as nowadays experienced, promises of the *urbe* as a politicized living space face supposedly visionary projects that downsize cities to commodities and citizens to mere consumers of the urban dramas.

Closing this edition, we bring the outstanding *Landscapes of the Espinhaço Mountain Range*, a photo essay by Paulo Baptista. As a token of its contribution to the increasingly necessary efforts to preserve the region, this essay depicts somewhat of this wealthy and diversified environmental and scenic heritage acknowledged by UNESCO as a World Biosphere Reserve.

Enjoy your reading!